

## “REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

### TEXTO PARA REFLEXÃO

#### AULA 1: “UMA BREVE HISTÓRIA DA SÍRIA E LÍBANO”

Palestrante: **JOSÉ FARHAT**

Formado em Ciências Políticas (Universit  Saint Joseph - Beirute) e Propaganda e Marketing (ESPM-São Paulo). Tem cursos de extensão nas áreas de: Comércio Exterior (FGV-São Paulo), Introdu o   Teoria Política (PUC-São Paulo), Direito Internacional (PUC-SP). Tem artigos publicados sobre Política Internacional, História e Religião. Atualmente   Diretor do Centro do Comércio do Estado de São Paulo e membro do Conselho de Comércio Externo da Federa o do Comércio do Estado de São Paulo.

Texto preparado pelo palestrante

### S RIA



A Síria sempre foi um problema para os Impérios que tentaram domin -la e continua sendo. O Império Otomano, derrotado na I Guerra Mundial, deu   S ria a oportunidade de realizar parte das aspira es de uma Na o  rabe independente, proposta pelo Sherif Hussein ibn Ali (1856-1931), Sherif de Meca e Guardião dos Lugares Sagrados do Islã e descendente do Profeta Muhammad e aceita pelo Império Britânico a condi o de que os  rabes se rebelassem contra os turcos<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> O Acordo Hussein – McMahon, em troca de cartas entre o Sherif e o Alto Comissário da Grã Bretanha, em 1915, mostra exatamente isto; o compromisso assumido e cumprido por Hussein e a promessa não cumprida pelos britânicos.



## “REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

De fato, em 1918, após cerca de 400 anos de domínio otomano, estabeleceu-se o Reino da Grande Síria, sob Faissal I ibn Hussein (1883-1933). Derrotado pela França, detentora do mandato da Liga das Nações sobre a Grande Síria, Faissal deixou o trono sírio em meados de 1920<sup>2</sup>.

A França começou imediatamente a moldar a Grande Síria de acordo com sua vontade: retirou-lhe a *vilayet* do Líbano e dividiu a área em Latakia, Jabal Druze, Alepo e Damasco, juntando estas últimas regiões para formar, em 1924, o Estado da Síria. A intenção teria sido a divisão do território de acordo com critérios confessionais. Latakia, a região costeira a noroeste, habitada por maioria *alauita*<sup>3</sup> e Jabal Druze<sup>4</sup> na região das montanhas do sul, de predominância *druza*<sup>5</sup> seriam regiões autônomas das respectivas seitas. Alepo e Damasco com suas maiorias sunitas completariam o quadro sírio. Isto casaria perfeitamente com um Monte Líbano predominantemente cristão (principalmente maronita) e as áreas litorâneas de Trípoli até Tiro com maioria sunita. Não se mencionou qual seria o destino dos xiitas do sul libanês. Num plano regional coordenado com a Grã Bretanha, seria criado também o “Lar Nacional Judeu na Palestina” prometido aos judeus. A divisão da Síria não daria certo, a do Líbano também não e só o Estado hebreu seria posteriormente impingido aos árabes.

A rebelião armada iniciada em Jabal Druze e espalhada para outras regiões, em 1925, custaria à França uma luta ferrenha de dois anos. Somente em 1928 a França conseguiu encerrar as negociações com os sírios e foi estabelecida uma assembléia nacional. Predominada pelo Bloco Nacional, intransigente nos objetivos pátrios, foi adotada uma Constituição que não reconhecia o mandato francês. A França reagiu não reconhecendo a Constituição e promulgou a sua própria em 1930. O Parlamento eleito nos termos da Constituição imposta, no entanto, resistiu às imposições do Alto Comissário da França e este resolveu negociar, suspendendo a Constituição.

Prosseguindo na sua resistência à presença francesa, os protestos aumentaram, no início de 1936, com o fechamento dos serviços públicos e dos mercados por cerca de dois meses. Não restava aos franceses a não ser negociar com o Bloco Nacional.

Com o estabelecimento de um governo da Frente Popular, em Paris, os entendimentos entre sírios e franceses tiveram sucesso e foi assinado o Acordo Franco-Sírio, que passou a vigorar em setembro de 1936. A França se comprometia a encerrar o mandato em três anos e a patrocinar a entrada da Síria para a Liga das Nações e a Síria garantia à França privilégios, durante longo prazo, nos campos militar, político e econômico. Lamentavelmente, o Parlamento francês recusou a ratificação do acordo, em 1939.

Um governo do Bloco Nacional fora eleito em novembro de 1936 e continuava no poder quando começou a II Guerra Mundial o que resultou na decisão francesa de suspender a Constituição de 1930 e impor a lei marcial em toda a Síria.

<sup>2</sup> Faissal, terceiro filho do Sherif Hussein, seguiu para Bagdá onde foi entronizado pelos britânicos Rei do Iraque. Seu reinado iraquiano durou de 1921 até sua morte em 1933.

<sup>3</sup> Alauitas (do árabe: seguidores de Ali, primo e genro do Profeta Muhammad e quarto califa), seita à qual pertence a família de Hafiz e Bashar Assad.

<sup>4</sup> Jabal Druze (do árabe: Montanha dos Druzos). Esta é a região do Golan (ou Julan) ocupada hoje por Israel cuja devolução é reivindicada pela Síria como condição *sine qua non* para qualquer negociação com o Estado hebreu.

<sup>5</sup> A seita islâmica druzas foi iniciada no século XI.



## “REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

Com a ocupação de parte da França pela Alemanha, em 1940, foi estabelecido um regime pró-germânico em Vichy e este governo títere passou a dominar todos os territórios franceses no além-mar, incluindo a Síria e o Líbano.

As forças aliadas da Grã Bretanha e França Livre atacaram os dois países árabes, vindos da Palestina, em junho de 1941 e, vitoriosas, garantiram à Síria uma independência nominal.

Nas eleições gerais de 1943, o Bloco Nacional teve novamente uma vitória arrasadora.

No ano seguinte, a Síria foi reconhecida pelos Estados Unidos e União Soviética e, por haver declarado guerra contra a Alemanha nazista, em fevereiro de 1945, a Síria foi convidada para a conferência fundadora das Nações Unidas. Assim mesmo, independente e membro das Nações Unidas, ao término da guerra, a França tentou novamente exercer sua plena autoridade sobre a Síria, sem qualquer sucesso e, finalmente, se retirou do país árabe em abril de 1946.

Inconformado com a derrota na Guerra da Palestina de 1948-1949, o povo sírio entrou em greve e esta manifestação acabou provocando um golpe de estado das forças armadas, em março de 1949. O regime militar durou cinco anos com a sucessão de diversos militares até a chegada ao poder do Coronel Adib Shishakli (1901-1964)<sup>6</sup> que influenciou todos os governos de curta duração até quando foi eleito presidente em 1953, presidência que duraria pouco, até o ano seguinte quando foi derrubado. Shishakli era um soldado e lhe faltava uma ideologia que desse um rumo a suas políticas e tentativas de reformas. Seu problema maior foi com a perseguição às minorias alauitas e druzas fonte para enormes resistências nas regiões onde predominavam estas seitas. Acabou sendo derrubado e foi restaurada a democracia parlamentar.

Se entre os Estados árabes foi na Síria que ocorreu o primeiro golpe de estado militar, foi nela também que se realizaram as primeiras eleições livres, com participação plena das mulheres, em setembro de 1954. O resultado das eleições não agradou a alguns partidos políticos, inclusive ao Partido do Renascimento Árabe Socialista (Baath).<sup>7</sup> Quando confrontado entre a escolha de se alinhar com partidos tradicionais tais como o Bloco Nacional ou o Partido Comunista e outras correntes de esquerda, o Baath optou por propor a união com o Egito. O resultado foi a criação da República Árabe Unida que durou dos princípios de 1958 a setembro de 1961.

Em março de 1963 um Comitê Militar, secreto, promoveu um golpe de estado, mas, devido a desavenças internas dentro do Baath a vitória beneficiou aos mais radicais encabeçados por Salah Jadid (1926-1993), um militar alauita que fora transferido para o Egito quando da formação da República Árabe Unida. Ele e Hafiz al-Assad (1930-2000), outro militar igualmente alauita<sup>8</sup> e mais dois oficiais, executaram uma tomada baathista do poder e retiraram a Síria da RAU. O passo seguinte foi a substituição de todos os oficiais não pertencentes ao Baath das forças armadas. Os problemas de Jadid e Assad foram

<sup>6</sup> Adib Shishakli emigrou para o Brasil em 1960 e foi localizado e assassinado por um druzo, que se vingou do bombardeio às aldeias de Jabal Druze, ordenado pelo ele.

<sup>7</sup> O Partido Baath nasceu em 1954, em Damasco, com o princípio básico de unidade e liberdade da Nação Árabe, na totalidade de seu solo e em sua missão de derrotar o colonialismo e a promover o humanismo; e, para tanto, deveria ser nacionalista, populista, socialista e revolucionário.

<sup>8</sup> Note-se quanto é importante a ligação entre pessoas da mesma seita, no oriente; mais ainda que qualquer outra relação, pois os dois, neste caso, apesar de serem do Baath e ambos militares, certamente serem alauitas primordialmente contribuiu para uni-los.



## “REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

muitos, dentro do partido e conseqüentemente dentro do próprio governo, porém superaram todos e mantiveram as políticas de esquerda.

Sendo ambos, Jadid e Assad, alauitas, em uma sociedade predominantemente sunita, colocaram na presidência da república Nur al-Din Al-Atassi (1929-1992) que ficou, de 1966 a 1970, se equilibrando entre os dois.

A derrota Síria na Guerra Árabe-Israelense de 1967, quando a Síria perdeu as colinas de Golan, foi um golpe duro para o regime de Jadid. A conseqüência mais séria foi o desentendimento entre Jadid e Assad, com este exigindo providências drásticas. Jadid mantinha controle rígido sobre o partido e Assad passou a exercer maior controle sobre as forças armadas. Em fevereiro de 1969 Assad tentou retirar o poder de Jadid, mas ambos evitaram derramamento de sangue até que em setembro de 1970, Assad não forneceu ajuda militar aos comandos palestinos que lutavam contra o exército jordaniano, contrariando a promessa de Jadid. Quando Jadid convocou um Congresso Nacional (isto é: pan-árabe) do Baath, em 30 de outubro de 1970, em Damasco, o local da reunião foi cercada por militares partidários de Assad, da ala nacionalista do Baath. Jadid e seus partidários, da ala socialista, foram responsabilizados pelo fracasso na guerra e, ao término da reunião, em 12 de novembro, foram todos presos.

Assad demitiu al-Atassi da presidência da república, do conselho de ministros, da secretaria geral do Baath e mandou prendê-lo.

A partir de novembro de 1970, Assad consolidou sua posição e através de um referendun no início de 1971, tendo formado a Frente Progressiva Nacional, compreendendo partidos políticos amigos, encabeçada pelo Baath, venceu o páreo e assumiu a presidência da república, de fato e de direito.

A minuta de Constituição preparada em 1973 pela Assembléia do Povo descrevia a Síria como um “estado democrático, popular, socialista” o que desagradou a um grupo de clérigos muçulmanos que reivindicou um artigo proclamando ser o Islã a Religião do Estado. Assad contemporizou argumentando que a Guerra Árabe-Israelense de 1973 era uma *jihad* contra os inimigos do Islã e que o fato de ter ido a Meca indo a *amra*<sup>9</sup> provava ser ele um crente verdadeiro.

E assim Assad foi reeleito presidente em 1978, 1985 e 1992.

Assad manteve a Síria num ritmo institucional com eleições para a Assembléia do Povo a cada quatro anos. Esta é dominada pela Frente Nacional Progressista, formada por pan-arabistas, socialistas e comunistas, controlada pelo Baath e este dirigido por Assad.

É importante, não somente para a Síria e o Líbano, mas também para toda a região a intervenção de Assad na II Guerra Civil Libanesa em meados de 1976 para apoiar o campo cristão libanês de direita contra as forças nacionais islâmicas e de esquerda. Esta intervenção no Líbano lhe valeria reações internas na própria Síria, notadamente em Hama e Alepo, que culminariam com uma repressão sem precedentes. Logo a seguir ocorreriam fissuras na elite dominante, inclusive com seu irmão tentando se aproveitar de um Assad debilitado por haver sofrido um infarto.

<sup>9</sup> Diferente do *hajj* que é a peregrinação a Meca, durante a época apropriada, seguindo-se todos os rituais, *amra* é uma visitação em qualquer época ao mesmo local da peregrinação.



## “REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

Assad superou galhardamente as crises para descobrir, em março de 1984, que aqueles que o haviam chamado para intervir no Líbano estavam paralelamente, obedecendo aos Estados Unidos, firmando um acordo de paz com Israel que invadira o país em 1982. Ao intervir no Líbano Assad o fez baseada na doutrina determinando que há entre os dois países uma relação especial, mas a defecção do país do cedro para o lado ianque-sionista representava não somente uma traição, mas também uma ameaça à segurança da própria Síria. A Guerra Civil Libanesa terminou com a vitória da corrente de esquerda, apoiada pela Síria.

Em 1980, a Síria assinou um Tratado de Amizade com a União Soviética.

As relações da Síria com o Egito não eram estáveis. Elas foram bastante estreitas enquanto Assad coordenou a Guerra Árabe-Israelense de 1973, mas foram se deteriorando à medida que o presidente Anwar Sadat (1918-1990) avançava nas políticas que culminariam com a paz bilateral com Israel em 1979. Assad transformou a Síria na mola mestra da Frente da Firmeza que incluía também Argélia, Iêmen do Sul, Líbia e Organização para a Libertação da Palestina que se opunha à readmissão do Egito na Liga Árabe, da qual fora expulso.

Com Michel Aflaq (1910-1989)<sup>10</sup> dirigindo o partido Baath a partir de Bagdá onde fixara residência, Assad assumiu uma atitude de frieza em relação ao regime baathista do Iraque, então dirigido por Bakr e Hussein. Em 1978 Assad chegou até mesmo a se aproximar bastante do Iraque, mas esta aproximação acabaria se revertendo quando a Síria tomou partido do Irã durante a I Guerra do Golfo (Irã - Iraque). O relacionamento com o Iraque teve um outro revés quando Assad tentou, sem sucesso, persuadir Hussein a não atacar o Kuwait. A partir daí a Síria se posicionou contra o Iraque e participou da coalizão encabeçada pelos Estados Unidos, enviando tropas para proteger a Arábia Saudita.

Desde quando assumiu o poder, Assad se empenhou na busca da retirada de Israel dos territórios árabes que ocupa desde a Guerra Árabe - Israelense, de 1967, no entanto a tentativa de reaver as Colinas do Golan na guerra seguinte em outubro de 1973 falhou. Como consequência do acordo de desengajamento, a Síria se comprometeu a não permitir ataques guerrilheiros contra Israel partindo de seu território.

Uma das consequências da deserção do Egito do campo árabe foi a decisão de Assad de se igualar militarmente a Israel, uma proposta bastante onerosa para a Síria. Como parte desse plano a Síria procurou manter todos os países árabes que cercam Israel unidos no mesmo propósito e foi por isto que Assad conseguiu frustrar o plano de Hussein II ibn Talal<sup>11</sup>, rei da Jordânia em se aproximar de Israel.

Assad considerava os palestinos parte importante na aliança que lidava com Israel e tentou até apadrinhar o chefe da OLP Yasser Arafat, mas este permaneceu firme em seu espírito de independência.

Com o declínio da União Soviética a partir de 1989, a Síria aplacou sua atitude com relação a Israel, pois estava perdendo um de seus principais aliados e como consequência

<sup>10</sup> Michel Aflaq, formado pela Sorbonne, voltou à Síria influenciado por influência de esquerda e passou a lecionar em escolas sírias de prestígio. Com colegas seus formou o Movimento de Renascimento Árabe que se transformaria, com o fim da ocupação francesa, no partido Baath.

<sup>11</sup> Hussein II é neto do rei Abdallah I e bisneto do Sherif Hussein. Seu pai Talal, príncipe herdeiro, não agradava à Grã Bretanha devido a suas atitudes independentes e, antes mesmo de Abdallah morrer, para que não assumisse o trono, foi declarado louco e internado em manicômio em Chipre.



## “REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

disto em outubro de 1991 Assad aceitou participar na Conferência de Paz para o Oriente Médio tendente ao estabelecimento de conversações entre os países árabes e o inimigo israelense. Ele sabiamente insistiu para que as conversações fossem enquadradas nas Resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança das Nações Unidas que obrigam Israel a se retirar de todos os territórios ocupados durante a Guerra de 1967. Nas conversações sírias-israelenses, Assad insistiu em que Israel se comprometesse a desocupar as Colinas de Golan antes que se entrasse em qualquer detalhamento do tratado de paz. Fato inédito: ele conseguiu que os Estados Unidos tivessem um papel ativo nas negociações sírio-israelenses.

Quando Síria e Israel chegaram a estabelecer uma agenda de dez pontos para negociação, os representantes de Síria e Israel se encontraram no início de 1996 em território estadunidense, mas quando ocorreram ataques suicidas palestinos em cidades israelenses, matando 50 pessoas, durante fevereiro e março daquele ano, o Ministro das Relações Exteriores de Israel, Shimon Peres, pediu que a Síria condenasse os ataques, Assad respondeu que essas explosões nada tinham a ver com a Síria e o ministro encerrou as negociações unilateralmente. Essas conversações continuaram suspensas durante três anos, enquanto Benjamin Netanyahu foi Primeiro Ministro de Israel e foram retomadas quando assumiu o governo Ehud Barak. E em setembro de 1999 Madeleine Albright, Secretária de Estado dos Estados Unidos apoiou a Síria em seu pedido de desocupação total do Golan. Três meses depois Barak se encontrou com o Ministro das Relações Exteriores da Síria, Faruq al-Sharra em Washington e em março de 2000 o Presidente William Clinton em seu encontro com Hafiz Assad em Genebra apresentou a proposta de Barak que incluía a retenção por Israel de uma estreita faixa na margem nordeste do lago Tiberíades, mas Assad respondeu oferecendo a Israel acesso à pretendida faixa, mas não a soberania. As negociações pararam por aí.

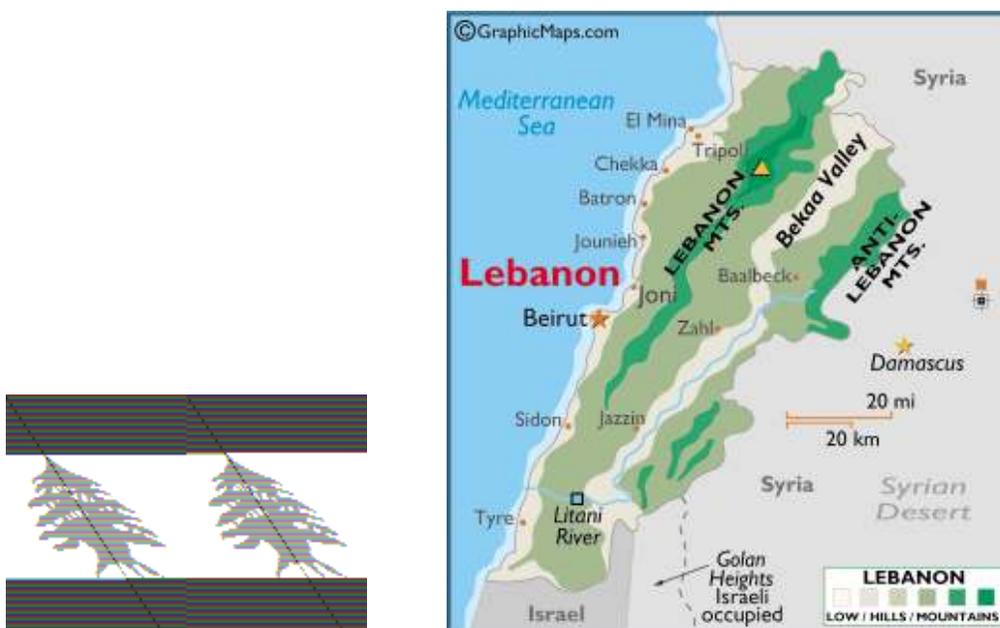
Em 1997 Assad empreendeu uma campanha de reaproximação com o Iraque.

De uma forma geral pode-se considerar que seu longo governo foi marcado por sua consistência e tenacidade. De personalidade distante e autoritária, Assad combinou realismo com frieza e disposição calculista.

No referendun presidencial de 1999 Assad obteve 99,98% dos votos válidos, contra 99,99% no de 1992, revelando o apoio do povo sírio a seu governo e durante os últimos dias de mandato, marcados pela saúde grandemente debilitada, ele libertou 225 prisioneiros políticos.

## “REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

### LÍBANO



Após receber um mandato para a (Grande) Síria da Liga das Nações em 1920, a França aumentou o tamanho da antiga *vilayet* otomana do Líbano adicionando áreas ao norte, leste e sul, pertencentes à Síria, batizando a nova entidade de Grande Líbano.

Em 1926 a França promulgou uma constituição republicana com um parlamento e um presidente executivo eleito pelo parlamento e o país foi renomeado de República do Líbano.

Não durou muito e, em 1932, a potencia mandatária suspendeu a constituição, promoveu um recenseamento<sup>12</sup> que mostrou a existência de dezesseis seitas religiosas reconhecidas.

Em novembro de 1936, Paris reativou a constituição e foi assinado o Tratado Franco-Libanês<sup>13</sup> prevendo considerável autonomia ao Líbano.

Durante a II Guerra Mundial, o governo pró-alemão de Vichy apoderou-se de todos os territórios franceses do além mar, inclusive o Líbano, em 1940. As forças aliadas da França livre e da Grã Bretanha, procedentes da Palestina, retomaram o país em junho de 1941, dando-se ao Líbano uma independência nominal.

<sup>12</sup> Este recenseamento de 1932 seria o único em toda a história do Líbano e serviria de base para a divisão do poder entre eles. Nunca mais foi realizado um censo para que não fosse alterado o número de deputados e os cargos no executivo, pois tudo indicava que as camadas mais pobres da população aumentavam sem cessar e teria que obter participação maior. O futuro demonstraria que isto de fato aconteceria.

<sup>13</sup> Governava a França a Frente Popular de esquerda, interessada em dar um fim no mandato.



## “REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

Um acordo constitucional que se chamou Pacto Nacional de 1943 foi promovido pelo General Charles de Gaulle (1890-1970), representando a França Livre e o General Edward Spears, em nome da Grã Bretanha, em março daquele ano e, uma vez obtido o consentimento dos libaneses, representados por Riadh Solh (1894-1951), líder dos muçulmanos e Bishara Khouri (1890-1964), líder dos cristãos, foi reativada novamente a Constituição de 1936.

Spears teve papel importante na mediação entre os rivais muçulmanos e cristãos e, baseado no censo de 1932, que demonstrava serem os cristãos 54% da população, recomendou a proporção de 6:5 para o preenchimento das cadeiras do Parlamento, o que dava para cada grupo de 6 assentos para os cristãos, 5 para os muçulmanos. Esta proporção se aplicaria depois a todos os cargos do funcionalismo civil e militar e do judiciário.

Este pacto verbal seria reconhecido pelas partes como um suplemento à Constituição. Ficou estipulado que o presidente da república seria um cristão maronita, o presidente do conselho de ministros um muçulmano sunita e o presidente do parlamento um muçulmano xiita e seu vice um cristão grego ortodoxo.

Nos termos do pacto, a liderança muçulmana passou a aceitar as fronteiras do Líbano e abandonou sua reivindicação de união com a Síria para reconstituição da Grande Síria. Como compensação, os cristãos concordaram que o árabe seria a única língua oficial da república, que o Líbano abandonaria qualquer vínculo com qualquer país estrangeiro e que se apresentaria sempre com sua “face árabe”.

Este pacto foi oficializado por decreto do Alto Comissário da França Livre para o Líbano, General Georges Catroux (1877-1969).

Em setembro de 1943, Khouri foi merecidamente eleito presidente da república tanto por sua atuação recente quanto por seu passado de luta nacionalista contra as arbitrariedades da potência mandatária. Com a partida dos franceses o Líbano se tornou independente de fato e Khouri, em perfeita harmonia com os muçulmanos, alinhou sua política externa com os vizinhos árabes. E assim, em 1945, o Líbano se tornaria um dos fundadores da Liga Árabe e participou na Guerra da Palestina (1948-1949), assinando a trégua com Israel em março de 1949.

Em meados de seu segundo mandato não suportou a oposição cerrada contra sua administração e pediu demissão em 1952.

Camille Chamoun (1900-1987) foi eleito presidente da república para suceder a Khouri e logo mostraria a que veio. Ignorou o programa de governo de seus partidários que determinava a concentração nos assuntos internos do país, dedicou-se aos negócios exteriores. Apesar da pressão dos setores muçulmanos, ele não cortou relações com a França e a Grã Bretanha quando estas se aliaram a Israel na agressão contra o Egito, na Guerra do Suez em 1959. Desagradaram ao campo pan-árabe seu alinhamento descarado com o ocidente, sua promoção insolente de eleições gerais fraudulentas e a perversa perseguição da oposição.

Quando irrompeu a Guerra Civil do Líbano (1958, de maio a julho) entre Chamoun e seus partidários e a oposição, principalmente os muçulmanos entre eles e a Frente Nacional



## “REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

Socialista de Kamal Jumblat (1917-1977)<sup>14</sup>, na onda da instalação da República Árabe Unida, a oposição chegou a ocupar um terço do Líbano. Com a queda da monarquia no Iraque, seus maiores aliados, Chamoun apelou para a ajuda militar dos Estados Unidos com base na Doutrina Eisenhower<sup>15</sup> e logo 14.300 marines vieram em seu socorro pelo ar apoiados por 76 navios da Sexta Frota. Os norte-americanos só se retirariam completamente em outubro daquele 1958.

Apesar da presença de forças estrangeiras as batalhas se intensificaram durante breve período e só terminou com o acordo entre as partes, aceitando o chefe do exército, general Fuad Chehab (1902-1973) como candidato único à presidência. A escolha de Chehab foi devida principalmente por manter a neutralidade das forças armadas durante todos os distúrbios entre facções libanesas. Ele manteve a estabilidade devido ao seu alinhamento de sua política externa com aquela dos demais países árabes. No campo interno, apoiado por militares e tecnocratas, ele tentou modernizar a máquina política-administrativa libanesa, emperrada com valores feudais e divisões sectárias e empreendeu um plano de melhorias da infra-estrutura do país.

Charles Helou (1912-2001), advogado e jornalista, sucedeu a Chehab em 1964. Logo diminuiu o ritmo das reformas de antecessor, mas assim mesmo continuou contando com o apoio deste, sua única base política de apoio. Conseguiu conservar a estabilidade interna e o alinhamento com os demais países árabes. Ele manteve o Líbano fora da Guerra Árabe-Israelense de Junho de 1967. Fato importante de seu governo foi a manutenção da unidade das forças armadas libanesas com a aprovação do Acordo do Cairo de 1969 pelo qual a Organização para a Libertação da Palestina passaria a controlar os campos de refugiados, evitando os enfrentamentos entre Exército e OLP. Deixou o cargo no término de seu mandato em 1970, mas, assim mesmo, sempre era consultado, durante a Guerra Civil do Líbano (1975-1990), na qualidade de alguém cuja mediação poderia ajudar a dar um fim ao conflito.

Suleiman Franjeh (1910-1993) seria eleito em 1970 com a apertada margem de apenas um voto. Na Guerra Civil (1958) ele apoiou o campo pró-Nasser contra o então presidente Chamoun, porém como este e Pierre Gemayel (1905-1084)<sup>16</sup>, líder maronita das Falanges<sup>17</sup> o apoiaram nas eleições presidenciais, virou casaca e passou a adotar uma atitude contrária aos palestinos, em consonância com a extrema direita maronita, o que o tornou impopular junto aos setores muçulmanos nacionalistas árabes, favoráveis aos palestinos.

Apesar dele, a OLP estabeleceu a sua sede em Beirute, em 1972.

Como era de se esperar de Franjeh e convinha a seu *entourage*, o Líbano permaneceu fora da Guerra Árabe-Israelense de 1973.

<sup>14</sup> Kamal Jumblat pertence a famoso clã druzo e foi o fundador do Partido Socialista Progressivo em 1949 cuja grande maioria é constituída de druzos, mas também com participação de sunitas, xiitas e até cristãos, cuja bandeira é a eliminação do sistema confessional libanês. Seu *background* feudal dava-lhe prestígio junto aos druzos e seus ideais de esquerda e de nacionalista árabe o aproximavam das populações urbanas, principalmente entre os sunitas. Seu filho Walid o sucedeu quando morreu assassinado.

<sup>15</sup> A Doutrina Eisenhower, devido ao estreitamento de relações entre o Egito e a URSS, enviou ao Congresso em janeiro de 1957 uma informação a respeito da política a ser adotada no Oriente Médio propondo medidas para acelerar o desenvolvimento da região, ajudar na manutenção da independência política dos países e prover ajuda e cooperação militar para salvaguardar a integridade territorial e a independência política daqueles países que as requeressem.

<sup>16</sup> Ver Falanges.

<sup>17</sup> Falanges ou *Kataeb* é o partido fundado pelo Pierre Gemayel, organizado nos moldes da juventude hitlerista; partido de extrema direita, oposto a tudo o que seja árabe, pró-ocidente e opositor ao pan-arabismo. Tentou criar vínculos e promover acordo de paz com Israel.



## “REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

Em abril de 1975 irrompeu a Guerra Civil do Líbano e já na primavera de 1976 o Movimento Nacional Libanês aliado à OLP já controlava dois terços do país. Franjeh não hesitou e apelou para o presidente sírio Hafiz Assad (1930-2000)<sup>18</sup> consciente de que só a Síria tinha capacidade para encerrar o conflito e introduzir uma reforma política. Por indicação de Assad, Franjeh emitiu um Documento de Reforma Constitucional no início de 1976 eliminando a divisão do poder entre cristãos e muçulmanos da proporção de 6:5 para a paridade entre os dois, mas a proposta não vingou. À medida que o conflito se intensificava, Franjeh se aproximava cada vez mais da direita maronita e, ao término de seu mandato, em 1976, filiou-se à Frente Libanesa politicamente dirigida por Chamoun e militarmente comandada por Bashir Gemayel (1947-1982).

Para eliminar qualquer adversário em sua corrida para a presidência, Gemayel mandou matar Tony Sleiman Franjeh e sua família<sup>19</sup>, o que fez com que Franjeh novamente virasse a casaca e passasse a apoiar o campo de esquerda pró-Síria de Jumblat.

Elias Sarkis (1924-1985), indicado pela Síria, foi candidato único e foi eleito presidente em 1976, para suceder Franjeh. Sarkis atendeu o pedido da Síria e começou a substituir os altos funcionários do Estado por pessoas indicadas pela Síria mas, atendendo aos protestos das Falanges de Gemayel, ele voltou atrás e tentou em vão reduzir a influência da Síria.

Israel invadiu o sul do Líbano em março de 1978 para destruir as bases da OLP na região. Ao se retirar em junho, Israel deixou seus postos do sul do Líbano nas mãos de uma milícia cristã. As milícias maronitas estabeleceram estreitos laços com Israel, mas suas tentativas de estender seu poder até Zahlé, no Vale do Bekaa, foram frustradas pela Síria que a essa altura já mantinha 30.000 homens sob a égide da Liga Árabe e já passara a apoiar muçulmanos e a esquerda libanesa.

Em junho de 1982, logo após retirar suas forças do Sinai, nos termos do tratado de paz com o Egito, Israel invadiu novamente o Líbano novamente e ocupou dois quintos do país, incluindo Beirute.

Uma semana após a invasão do Líbano por Israel, em junho de 1982, as forças israelenses o expulsaram do Palácio.

Isto facilitou a eleição de Bashir Gemayel (1947-1982) para a presidência, porém, antes de tomar posse, ele foi assassinado.

Em setembro de 1982 Israel terminou a invasão após que 11.644 combatentes da OLP e 2.700 soldados sírios se retiraram da Beirute ocidental.

Amin Gemayel (1942-) foi eleito presidente e, sob pressão dos Estados Unidos, começou a elaborar uma minuta de tratado de paz com Israel, em maio de 1983. Uma

<sup>18</sup> Hafiz Assad foi presidente da Síria de 1971 a 2000. Deu à Síria estabilidade sob a égide do Baath, apoiado pelas forças armadas.

<sup>19</sup> Em 13 de junho de 1978 um grupo de milicianos comandados por Samir Geagea invadia a residência de veraneio de Tony Sleiman Franjeh em Ehden, assassinando a sangue frio sua esposa Vera, sua filha Gihan de três anos, a babá e o motorista. Indefeso, Tony Franjeh em seus 37 anos incompletos recusava-se a se entregar conseguindo acertar um único tiro no líder dos invasores. Geagea após alguns anos de prisão foi libertado por decisão do Parlamento e é hoje Deputado e líder das Forças Libanesas, uma agremiação maronita.



## “REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”

forte hostilidade doméstica, aliada à oposição Síria, resultou na anulação do tratado em março de 1984.

Em seguida a uma conferência de reconciliação, reunida em Lausanne, foi formado um governo de união nacional, enquanto Israel terminava sua retirada do Líbano, deixando de plantar uma milícia chamada por eles de Exército do Líbano Sul.

No início de 1987 a Síria enviou suas tropas para a parte oeste de Beirute a fim de restaurar a ordem prejudicada por lutas armadas entre o partido Amal, uma agremiação xiita, e uma aliança centro esquerda de muçulmanos não xiitas.

Terminado o seu mandato em 1988, como o Parlamento não conseguia eleger o seu sucessor, em 22 de setembro, Gemayel chamou o comandante das forças armadas, General Michel Aoun, um maronita, para formar um governo militar provisório mas nenhum oficial superior muçulmano aceitou participar. Em maio de 1989 Aoun lançou uma “guerra de libertação” da Síria mas a saída mesmo foi a reunião do Parlamento, na cidade saudita de Taëf, quando foi adotada uma Carta de Reconciliação Nacional, contendo uma reforma política, que viria posteriormente a ser aprovada em reunião do parlamentar realizada em território libanês.

Elias Hrawi (1925-2006) foi eleito presidente na mesma reunião do Parlamento.

Aoun recusou o acordo de Taëf e não reconheceu a eleição de Hrawi enquanto que as Forças Maronitas Libanesas aceitaram ambos. Isto levou a uma violência entre cristãos. Aoun foi derrotado por forças libanesas e sírias, em 13 de outubro de 1990, pondo um fim à guerra civil.

O Parlamento deu posse a Hrawi e transformou em adendo à constituição os acordos de Taëf, dando paridade a muçulmanos e cristãos.

O governo de união nacional desarmou várias milícias, eliminou a divisão de Beirute em duas zonas e assinou um Tratado de Irmandade, Cooperação e Coordenação com a Síria, em maio de 1991.

Foram realizadas eleições para um Parlamento ampliado entre agosto e outubro de 1992 e, devido ao boicote das eleições pelos partidos dominados por maronitas, a nova câmara e conseqüentemente o governo resultantes das eleições foram majoritariamente pró-Síria.

O Líbano participou do processo de paz realizado em Madri em outubro de 1991 mas, devido ao impasse entre a Síria e Israel, pouco progresso houve nas negociações bilaterais entre Líbano e Israel.

Emile Lahoud (1936-) foi eleito presidente em outubro de 1998.

O governo libanês insistiu com Israel para que desocupasse o sul do país incondicionalmente, conforme determinado pela Resolução 425 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, de 1978, mas somente com a autorização dada ao Hizbullah para atuar na região e a pressão exercida por este resultaram na retirada israelense do Líbano, em maio de 2000.



## **“REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO”**

Após os ataques de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, Washington pressionou o Líbano para eliminar o Hizbullah, mas o governo libanês recusou argumentando tratar-se de um grupo político legítimo, com substancial presença no Parlamento, assim como uma organização de cunho pessoal.

Lahoud reconstruiu as forças armadas libanesas e introduziu o serviço militar obrigatório e conseguiu manter boas relações tanto com a Síria quanto com os Estados Unidos.

Com o resultado das eleições parlamentares, favoráveis ao grupo liderado por Rafic Hariri (1944-2005), Lahoud encarregou-o de formar o novo governo. Enquanto Hariri cuidava da economia, Lahoud cuidava da defesa e segurança, na tentativa de diminuir os protestos contra a presença Síria no país, mesmo depois que a Síria retirou cerca de 10.000 de seus soldados.

Lahoud presidiu a XII Cúpula da Liga dos Estados Árabes, em março de 2002, a primeira a ser realizada em Beirute, quando ocorreram as reconciliações públicas entre Iraque e Kuwait e Iraque e Arábia Saudita e foi adotada a “Iniciativa Árabe de Paz” ignorada por Israel.